

**Resenha crítica do livro “Cristianismo no feminino”: A presença da mulher na vida da Igreja. Lídice Meyer, São Paulo: Edições Paulinas, 2025.**

A análise que segue contempla dois aspectos, a importância da obra para o presente século e a constatação de um estilo leve para o trato adequado de um tema que ainda enfrenta resistências em espaços cristãos. As mulheres da Bíblia pelo olhar de uma mulher que se dedica a investigar nos Sagrados Escritos a presença da mulher na Igreja, é uma obra que chega às livrarias com o papel de desvelar a relevância da mulher no convívio patriarcal que forjou o berço da Igreja originária no Oriente Médio. A autora abraça a tarefa de demonstrar que a Sagrada Escritura, recebida como regra de fé e prática para muitos dos seus leitores, é farta em informações com abordagens sobre a presença feminina que acompanha os movimentos humanos do Antigo e do Novo Testamento, Israel e Igreja originária respectivamente. Essa constatação motiva o estranhamento pelo acentuado silêncio e o silenciamento de tão significativa presença.

259

São 18 capítulos lindamente ilustrados, quebrando a aridez comum a outros textos, por meio de obras de arte, salientando a presença do feminino, com denso conteúdo e substancioso em referências bíblicas, que dão conta de justificar a hipótese de “uma visão fragmentada... doentia sobre a pretensa superioridade masculina na criação”, visão responsável por severas críticas ao “cristianismo e à Bíblia” resultando em acusações contemporâneas como sendo fontes fomentadoras da violência contra a mulher. Com a finalidade de revisar textos sagrados, do antigo e novo testamentos e outros documentos, permeados historicamente com a presença ativa da mulher cruzando caminhos da hermenêutica da aceitação a hermenêutica da suspeição (Paul Ricoeur), sem esquecer dos cuidados demonstrados com as armadilhas causadas pelos "ismos", segundo o intelectual Milton Santos são práticas que “degeneram a ideia principal” por falta de conhecimento do que defendem ou acreditam. Observa-se, sobretudo, que a fidelidade à Bíblia salta aos olhos ao longo do texto chegando a afirmar que “Cada vez mais é clarificada a verdade de que não

é a Bíblia que é misógina e sim muitas vezes a leitura que se faz de seu texto”. Temos, portanto, a exposição da trama do feminino no Povo de Israel e na Igreja originária amplamente fundamentada na Bíblia, uma obra disponível ao público cristão e à sociedade em geral interessada por uma literatura comprometida com os princípios e valores da cultura dos judaísmos presentes no pensamento e nas práticas de Jesus Cristo, o homem de Nazaré que trabalhou com as mulheres no Reino de seu Pai.

É com esse espírito que os capítulos iniciais se encarregam de conduzir o leitor pelos rastros da presença ativa da mulher na vida de Jesus, juntamente com outros primeiros seguidores. Traz à tona fortes argumentos que demonstram a relevante itinerância das mulheres na história de um povo que esperava a chegada de um Messias. Não são evidências de uma história qualquer, a força do feminino está na raiz da sociedade dos chamados e escolhidos para receber o Salvador. Essa visão se espalha nas páginas seguintes da obra, salientando que do aconchego de Maria, como retrata Bárbara em sua tela (p.40), vem aquele que modificaria definitivamente o pensamento das mulheres, provocando uma ruptura na rotina das mulheres. Essa novidade de vida é explorada por Lídice Meyer, dando ênfase ao movimento desafiador para as mulheres daquele tempo e época, das suas casas para os caminhos com Cristo, as mulheres seguiam um homem que as ouvia e considerava suas falas, incluindo-as em suas narrativas, tendo como prática não deixar as mulheres sem voz, inclusive atribuindo a elas importantes tarefas, como a participação de Maria de Magdala, ao lado do Jesus ressurreto sendo desafiada a dar testemunho ao mundo, "vai ter com meus irmãos e dize-lhes: Subo para meu Pai e vosso Pai, para meu Deus e vosso Deus".

Inquestionável presença ativa da mulher na Igreja originária é observada no relato histórico de Atos 1.14, destacando o esforço feminino que desencadeou o desenvolvimento da Igreja no primeiro século, chamando a atenção para a quantidade e o dinamismo das mulheres evangelistas que aparecem na história das Igrejas originárias do Novo Testamento, relatadas nas

diversas Cartas Paulinas. Esse e outros argumentos são usados pela autora para desmistificar algumas abordagens excludentes amparadas em algumas ambiguidades do homem da estrada de Damasco, que aos poucos distanciava-se de uma sociedade patriarcal para ser outro homem, assim como aquelas mulheres, também modificado para ser imitador de Cristo, aquele para quem "não pode haver... nem homem e nem mulher: porque todos vós sois um em Cristo Jesus" (cf. p. 113).

Fiel ao zelo de quem escreve visando a compreensão de muitos, dedica os cinco últimos capítulos a questão da equidade, após percorrer uma vasta trilha histórica pontuando a presença do feminino, homem e mulher no seio da sociedade judaica e da Igreja originária, sob as implicações desse olhar a partir "do Cristianismo no feminino" contribuindo efetivamente com as discussões sobre a relevância da mulher na Igreja contemporânea. Contudo, se encarrega de deixar fortemente fundamentado que não se trata de uma temática que passa ao largo dos olhares de Jesus e da sua cultura, com abundante ensino sobre o "todos somos um", para afirmar que na vida ativa da Igreja não deve haver prerrogativas, desde o início, "nem homem nem mulher". Não estaria completa sua análise sem a denúncia das artimanhas para o silenciamento que causa essa e outras inquietações. Sabe-se que a força para silenciar pessoas, principalmente quando faz parte de maiorias, vem do arbítrio. Algo semelhante ao apresentado à página 120, referente a I Co. 14.34 - 36, onde se discute o ato de "incluir e ou adaptar" rabiscos, apontamentos em documentos oficiais como "as interpolações da segunda metade do século 2", para atender outros interesses, como apelos culturais, por exemplo. Este é o argumento textual utilizado no decorrer do tempo na vivência das Igrejas para o silenciamento das mulheres e outras providências humanas. Há de se concordar, a teologia como ciência, diante de fatos dessa natureza, exige olhares exegéticos ainda mais rigorosos sob acurados exame antes de recolher o que incomoda no repositório das heresias.

Caminhando para o fechamento do que pretende a autora, é pertinente recordar o objetivo da obra, evidenciar a “presença da mulher” na vida da Igreja, por meio do serviço no reino de Deus, observando que a arte de servir traz consigo a possibilidade de unir homens e mulheres para a glória do Criador. Em que pese as várias atribuições de títulos e ofícios a mulheres citados nos fragmentos do recorte histórico utilizado no livro, inclusive com vários exemplos atuais de destacados testemunhos pessoais e coletivos, não é a falta de quaisquer títulos que causa a indignação revelada na obra, e possivelmente dos seus leitores, mas a omissão da “presença da mulher em todos os setores e épocas da história da Igreja” em períodos com acentuada resistência ao tratamento com equidade de gênero, movidos pela misoginia.

Acolhi essa importante e atualizada obra como um desafio de gratidão, declarar a lembrança da “presença da mulher”, vista como uma coluna de sustentação da Igreja do Senhor Jesus. Realidade vivenciada por mais de 40 anos na vida eclesial de uma denominação organizada pelo pensamento reformado, mantido, sustentado, acompanhado e encorajado por muitas mulheres com profunda dedicação ao Reino do amor de Deus, lideranças femininas como tantas outras relatadas acima. Portanto, foi assim no passado e o será até a volta do Senhor da Igreja e, certamente, seguindo o mesmo raciocínio da autora, “não se trata aqui de defender a ordenação feminina. Isso é uma particularidade de cada Igreja”, o que se pretende, é “o reconhecimento público da atuação da mulher na Igreja e na sociedade”, isto implica em não negar a presença, a capacidade, o lugar e expressão própria da mulher como forma de gratidão pela condição *sine qua non* para a existência da Igreja tal como fora sonhado pelo Criador do homem e da mulher.

Lindberg Clemente de Moraes

*Mestre e Doutor em Educação. Professor do Centro de Educação, Filosofia e Teologia e Coordenador de Extensão Universitária da Universidade Presbiteriana Mackenzie em São Paulo SP. Pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil no Sínodo e Presbitério Paulistano zona leste da cidade de São Paulo. Secretário Presbiterial da Federação de Sociedades Auxiliadora Feminina. Preside a Fundação Democrata Cristã no Brasil.*

